Contos, Minicontos e Poemas Infantojuvenis

Ademir Pascale – Organizador

Vol. VI

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-72957-3
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

ÁGATHA, A GATINHA QUÂNTICA, POR B. B. JENITEZ, PÁG. 05
BOLA CHEIA, POR DENISE HENRIQUES, PÁG. 11
GLEISE 1210B, POR EMMANUELLA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO IMBELLONI, PÁG. 13
O BOITATÁ E AS CRIANÇAS DA FRONTEIRA, POR MARIO LUIZ AMORIM DA SILVA, PÁG. 16
A LENDA DA CRUZ MISSIONEIRA, POR MARIO LUIZ AMORIM DA SILVA, PÁG. 19
O SEGREDO DA ESTÁTUA DE SAN MARTIN, POR MARIO LUIZ AMORIM DA SILVA, PÁG. 22
O DRAGÃO ROXO E O PÁSSARO ROSA, POR MEIRE MARION, PÁG. 25
NICO E O CELULAR - PARTE 1, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 27
NICO E O CELULAR - PARTE 2, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 32
REMEMORIANDO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 38
ALEGRIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 41
VAMOS CELEBRAR!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 44
A MEMÓRIA E A CASA, POR THIAGO IANEZ CARBONEL, PÁG. 46
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 49

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

CONTOS E POEMAS INFANTOJUVENIS - VOL. VI

APRESENTAMOS O CONTO

Ágatha, a gatinha quântica

Por B. B. Jenitez

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou O Beijo de Juliana (2014) pela Multifoco e Projeto Mulah de Tróia 2 (KDP, 2020), Demiurgo – Deus e Acaso (KDP, 2020), Ágatha em Todo Lugar em Todo Tempo (KDP, 2023). Participou de várias antologias, entre outras: FCdoB-2010/2011 (Tarja Editorial), Solarium 3 (Multifoco), Galáxias Ocultas (Editora Illuminare), Teslapunk 3 (Cavalo Café), Antologia Asimoviana (Arkanus Editorial), O Livro da Ficção Científica Brasileira (Madrepérola), Passaporte Atemporal (Editora Carnage) e Almas Fabricadas (Madrepérola).

Agatha era uma gatinha diferente de todas as outras. Ela nasceu com uma habilidade única que confundiu até mesmo os cientistas mais talentosos de seu tempo. Seu corpo era capaz de manipular a mecânica quântica, permitindo que ela entrasse e saísse da existência à vontade. Ela era uma maravilha de se ver, uma maravilha da ciência e a inveja de todos que a conheciam.

Um dia, um físico quântico chamado B. B. Jenitez ficou fascinado com as habilidades de Agatha. Ele passou toda a sua carreira estudando as leis do universo e nunca tinha visto nada parecido com ela. Ele sabia que tinha que colocar as mãos nela e estudá-la mais.

Então, ele armou uma armadilha para Agatha. Ele a atraiu para uma caixa com um pedaço de catnip e rapidamente fechou a tampa. Agatha estava presa, incapaz de usar seus poderes para escapar.

B. B. Jenitez ficou emocionado com seu sucesso. Ele finalmente capturou o gatinho indescritível e agora pode estudar suas habilidades em detalhes. Ele colocou a caixa em seu laboratório e começou a fazer experimentos em Agatha.

Os dias se transformaram em semanas e Agatha permaneceu presa dentro da caixa. B. B. Jenitez estava obcecado com sua pesquisa, e sua paixão pela ciência o cegou para o sofrimento do gatinho inocente.

Mas um dia, algo estranho aconteceu. Os poderes de Agatha começaram a se intensificar e ela foi capaz de atravessar as paredes da caixa. Ela emergiu da caixa e B. B. Jenitez ficou chocado ao vê-la diante dele, brilhando com uma energia sobrenatural.

Agatha olhou para o físico com um misto de raiva e tristeza nos olhos. Ela havia sido tratada como um espécime de laboratório e era hora de assumir o controle de seu próprio destino.

Com um aceno de sua pata, Agatha desencadeou uma onda de energia quântica que engolfou B. B. Jenitez e seu laboratório. O prédio inteiro foi destruído em uma explosão de luz, e Agatha não foi encontrada em lugar nenhum.

Alguns dizem que Agatha ainda vaga pelo universo, usando seus incríveis poderes para ajudar os necessitados e proteger os inocentes do perigo. Outros acreditam que ela nunca foi real, que ela era simplesmente uma invenção da imaginação de B. B. Jenitez.

Mas para aqueles que testemunharam seus poderes em primeira mão, não há dúvida de que Agatha era real e que ela era algo verdadeiramente especial.

***

Agatha era uma gatinha muito curiosa e destemida que gostava de explorar cada canto da casa onde vivia com sua dona, uma senhora bondosa que a mimava muito. Certo dia, Agatha foi atraída por um brilho intenso que vinha do laboratório da casa, onde a dona da casa trabalhava como física quântica.

Ao entrar no laboratório, Agatha viu Ariadne, a física quântica, trabalhando em um experimento muito complexo. Era uma caixa grande, com fios e luzes piscando, e parecia estar em constante movimento. Agatha, curiosa como sempre, se aproximou da caixa, mas Ariadne a pegou e a colocou dentro dela.

Agatha ficou confusa e assustada dentro da caixa, sem entender o que estava acontecendo. Ela sentia que algo estranho estava acontecendo com ela, algo que ela nunca tinha experimentado antes. Ela tentou miar e arranhar a caixa para sair, mas nada adiantou.

Enquanto isso, Ariadne continuava trabalhando no experimento, monitorando cuidadosamente a caixa. Ela estava animada com os resultados iniciais, mas logo começou a sentir um forte remorso. Ela percebeu que havia raptado a gatinha sem pensar nas consequências e estava fazendo um experimento com uma vida inocente.

Ela rapidamente desligou o experimento e abriu a caixa para libertar Agatha. A gatinha saiu correndo, assustada e confusa, mas Ariadne se aproximou com cuidado e a acariciou gentilmente, pedindo desculpas pelo que tinha feito.

Agatha logo esqueceu o incidente e voltou a brincar pela casa. Mas Ariadne nunca mais foi a mesma. Ela percebeu que seus experimentos poderiam ter consequências negativas, mesmo que ela tivesse as melhores intenções. Ela decidiu nunca mais usar

seres vivos em seus experimentos e se dedicou a encontrar soluções mais éticas e seguras para a ciência.

Com o tempo, Ariadne se tornou uma defensora da ética na ciência e sua pesquisa se tornou um modelo para outros cientistas seguirem. Agatha, por sua vez, continuou a ser a gatinha curiosa e destemida que sempre foi, e nunca mais se aventurou no laboratório de sua dona.

***

Agatha era uma gatinha muito curiosa e brincalhona. Um dia, enquanto explorava o quintal de sua casa, ela foi atraída por um brilho estranho vindo de um arbusto. Quando chegou mais perto, ela viu uma caixa pequena e estranha.

Agatha, como toda boa gatinha, decidiu investigar a caixa. Mas assim que colocou a pata dentro dela, foi transportada para um lugar completamente diferente.

Ela se encontrava em um laboratório, cercada por paredes brancas e aparelhos estranhos que emitiam luzes coloridas. Ao seu lado estava uma mulher alta e magra, de cabelos negros e olhos penetrantes.

"Olá, pequena Agatha", disse a mulher. "Meu nome é Ariadne e eu sou uma física quântica. Você foi escolhida para participar de um experimento muito importante."

Agatha ficou confusa e assustada, sem entender o que estava acontecendo. Mas antes que pudesse protestar, Ariadne a colocou dentro da caixa novamente.

Dentro da caixa, Agatha percebeu que algo estranho estava acontecendo. Ela podia sentir que sua consciência estava se expandindo, como se estivesse se conectando com todas as possibilidades do universo.

Quando finalmente foi liberada da caixa, Agatha sentiu uma energia estranha pulsando dentro dela. Ela correu pelo laboratório, saltando de um aparelho para o outro, derrubando tudo o que encontrava pela frente.

Ariadne tentou conter a gatinha, mas era tarde demais. Agatha havia se tornado uma força imparável, capaz de manipular a realidade ao seu redor.

O laboratório foi destruído em segundos, e Ariadne ficou atônita diante da cena. Agatha, por sua vez, sentia-se livre e poderosa. Ela se transformou em uma luz brilhante e desapareceu no ar, deixando Ariadne sozinha em meio aos destroços.

Ariadne nunca mais voltou a realizar experimentos com animais vivos. Ela passou a respeitar a força da natureza e a deixar que as coisas seguissem seu curso natural. E Agatha, bem, quem sabe onde ela está agora? Talvez ela esteja em outro lugar, explorando as maravilhas do universo...

***

Agatha era uma gatinha muito curiosa e brincalhona que adorava explorar o laboratório de física quântica onde sua dona, Ariadne, trabalhava. Ariadne era uma cientista renomada que estudava os mistérios do universo e da mecânica quântica. Um dia, enquanto Agatha brincava entre as mesas de trabalho, Ariadne teve uma ideia ousada.

Ela pegou uma caixa de transporte e colocou Agatha dentro, juntamente com um dispositivo quântico experimental que ela havia criado. Ariadne ativou o dispositivo e a caixa começou a emitir um brilho estranho e a zumbir baixinho. Agatha miou assustada, mas Ariadne tranquilizou-a, explicando que a caixa estava apenas levando Agatha para uma jornada incrível.

Ariadne observou atentamente o experimento e ficou maravilhada com o que viu. A caixa com Agatha dentro começou a desaparecer e reaparecer em diferentes pontos do laboratório. Era como se a gatinha estivesse se teletransportando instantaneamente, graças ao dispositivo quântico.

No entanto, algo estranho começou a acontecer. Agatha, que antes era apenas uma gatinha comum, começou a crescer rapidamente enquanto estava dentro da caixa. Ela se tornou cada vez maior, até que a caixa não conseguia mais contê-la. Quando Ariadne abriu a caixa, não encontrou mais uma gatinha, mas sim um enorme monstro.

Agatha havia se transformado em uma espécie de Godzilla, com escamas verdes, dentes afiados e garras enormes. Ariadne ficou assustada e não sabia o que fazer. Mas, para sua surpresa, Agatha ainda parecia reconhecê-la e não apresentava nenhum comportamento agressivo.

Ariadne percebeu que a transformação de Agatha estava ligada ao dispositivo quântico. Quando ela ativou o dispositivo novamente, Agatha voltou ao seu tamanho normal. Mas, toda vez que o dispositivo era ativado, Agatha se transformava em Godzilla novamente.

Ariadne sabia que tinha em suas mãos um achado científico incrível. Ela continuou estudando Agatha e seu dispositivo quântico, e acabou descobrindo que poderia usar a transformação de Agatha para ajudar a humanidade em emergências.

Assim, Agatha se tornou um agente secreto da ciência, transformando-se em Godzilla sempre que era necessário para lidar com ameaças quânticas e intergalácticas. Ela se tornou uma lenda entre a comunidade científica, e Ariadne se orgulhava de ter descoberto o maior achado científico do século: uma gatinha que se transformava em um monstro para salvar o mundo.

APRESENTAMOS O POEMA

Bola cheia

Por Denise Henriques

Denise Henriques é carioca, licenciada em Letras pela PUC-RJ. É autora do livro infantil Casa de Minas. Escreve histórias infantis, crônicas e poemas. Já participou de inúmeras antologias poéticas. Adora brincar de pique-esconde e de estar cercada de crianças.

A bola estava cansada de ficar parada.
Murchinha, sentia-se abandonada.
Seu dono, o João, só queria tocar violão.
E não dava mais bola pra bola não.

Junho acabava de chegar e a mãe
Do João preparou um arraiá.
Tinha criança pra todo lugar.

A Julinha achou a bola e pediu para jogar.
Seu Tonico encheu a bola
E a bola toda cheia,
não parou de rolar.

Ao som da viola, a bola dançou a quadrilha
Pulou até o céu,
Deu um oi para um balão
E caiu nos braços do João.

João passou a bola pra Julinha
Que agarrou firme a redondinha.
E gritou: agora ela é minha!
Não te devolvo mais não, João.

APRESENTAMOS O CONTO

Gleise 1210b

Por Emmanuella de Albuquerque Maranhão Imbelloni

Graduada em Letras, modalidade Português e Inglês, pela Universidade Católica de Pernambuco em 2012, atuou em atividades de docência supervisionada em Língua Portuguesa nas escolas públicas do Recife e concluiu o curso de Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco em 2021. Atualmente é servidora pública pela Prefeitura de Jaboatão, onde leciona Língua Portuguesa, e faz o curso de Pós-graduação de Escrita Criativa pela Universidade Católica de Pernambuco.

Em uma certa manhã, quando a criatividade insiste em brotar da mente para a tela branca, Ricardo procurou o significado da palavra Gleise, com o objetivo de nomear mais uma de suas criações pictóricas. Curiosamente, descobriu que a palavra de origem francesa tem o sentido de igreja.

Antes de fazer a Gleise à base de tinta acrílica, pensou estar indeciso sobre quais cores deveria iniciar a pintura. Dessa forma, aventurou-se inicialmente nas cores azul e branca e na esponja da cozinha já desgastada para dar a impressão de que ainda era dia e as aves felizes rodopiavam no céu, em busca de inspiração para o garoto com os olhos fixos no horizonte, além da sua imaginação.

Depois de finalizada essa parte, retornou para a sua Gleise, olvidando um pouco o planejamento do cenário que circundava a sua produção artística, os pincéis, a paleta de cores, cavalete e algumas telas espalhadas pelo quarto. Ricardo ficou animado e ao mesmo tempo fascinado ao observar uma planta esquemática mostrando os principais elementos das diversas catedrais e grandes igrejas. Ele jamais imaginaria que o arco representado pelo deambulatório, palavra completamente desconhecida para um garoto de 11 anos, em conjunção com a capela radiante poderia formar o motor de uma máquina que se desloca em alta velocidade. Extasiado com os primeiros pensamentos acerca da sua igreja-foguete, riu de si mesmo e oficialmente iniciou a construção dela.

Gleise com o código 1210b, desconhecido, segundo Ricardo, pela metade da população, com os braços do edifício parecidos com os das catedrais inglesas de origem monástica, voou para cima, expelindo gases coloridos em contraste com a ausência de cores da máquina ainda em desenvolvimento. Ao acompanhar o motor do tipo propulsão, fazendo a sua igreja-foguete subir com a cauda de arco-íris, percebeu que poderia parar no tempo para colori-la de amarelo, só assim evitaria o vazamento do combustível laranja localizado na sua parte superior.

Após constatar que a cor amarela proporcionaria a segurança necessária para um voo tranquilo além do céu azul, fez a igreja-foguete continuar subindo, subindo, subindo, até que veio uma ideia na mente do menino: ocupar a posição de piloto e controlar a elevação da Gleise. Já na cabine, depois de adentrar através do alpendre da igreja metamorfoseada, permaneceu por alguns minutos ali até ela desaparecer do céu anil e Ricardo se confundir com a imensidão do espaço sideral escuro.

Por um instante, esqueceu-se do seu kit de pintura, para que pudesse idealizar-se em algum pontinho áureo do universo cercado de planetas, cometas, estrelas, galáxias, nebulosas, satélites, dentre outros, da cor violácea ao carmesim. Contudo, pela primeira vez, sentiu-se abandonado à sorte em um lugar no qual predominava os negros pelos do seu gato de estimação, sem a menor incidência da luz que outrora havia visto enquanto ainda era pintor. Nem as estrelas que faiscavam dispersas há anos-luz proporcionavam alento para Ricardo dentro da sua igreja-foguete. Por isso, ele resolveu sair da cabine onde se encontrava e ir para o ônibus espacial de cor verde e quadrado, localizado quase no centro da Gleise, supondo que o lugar faria-o deslizar para fora do foguete.

A referida geometria que possuía ao seu redor pilares e arcos parecia suportar todo o peso da máquina, o que fê-lo proferir as seguintes palavras, preparando-se para sair do foguete em uma missão na qual não estava pronto, apesar de encorajar-se continuamente:

- Talvez esse seja o lugar mais seguro daqui.

Em seguida, acionou os motores do *Space Shuttle* a fim de lançar-se para o vácuo, longe da atmosfera terrestre ou de tudo que lembrasse dela. Foi afastando-se da Gleise em direção ao Sol escaldante há alguns milhões de quilômetros de distância da Terra.

Por fim, conseguiu apanhar algumas poeiras suspensas no ar do ônibus espacial, como se isso de alguma maneira fizesse-o esquecer que não estava à caráter para uma viagem interplanetária. Além disso, que sua mãe o pusera de castigo por não lembrar do dever de casa sempre ás 13:00 da tarde, levava puxões de orelha e gritos, vivia metido dentro do quarto, ficava horas à fio dormindo debaixo das cobertas sem ser incomodado, perdera a esperança de retornar para casa e fizesse-o lembrar que o Sol o engolia aos poucos até a Gleise se esvanecer em direção à Lua.

APRESENTAMOS O CONTO

O Boitatá e as crianças da fronteira

Por Mario Luiz Amorim da Silva

Mario Luiz Amorim da Silva nasceu em Suzano (SP). Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Literatura Africana, Indígena e Latina, História e Cultura Indígena e Afro-brasileira. Professor de Literatura e das Línguas Portuguesa e Espanhola – Ensino Fundamental e Médio no Instituto Estadual Padre Francisco Garcia (São Borja/RS) e Diretor do Intercape – Instituto Internacional de Línguas Estrangeiras e Capacitação Profissional (Osvaldo Cruz/SP). É aluno do Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas da Unipampa – Câmpus São Borja (RS).

Era uma vez uma cobra enorme que não conseguia se esconder muito fácil porque era uma sucuri gigante. Ela tinha escamas verdes, azuis e amarelas, e seus olhos eram pequenos e de cor branca como a neve e brilhavam muito. Aquela serpente passava seus dias queimando algumas árvores e assustando animais para manter a harmonia nas matas e margens do Rio Uruguai. As pessoas e animais fugiam de seu fogo que ardia e derretia tudo que tocasse, sendo assim os pescadores navegavam com receio nessas águas que eram habitadas por ele.

Certo dia, um grupo de crianças estava brincando no porto da cidade de São Borja, quando, de repente, a superfície começou a borbulhar e água começou a ferver, eram bolhas que subiam e apareciam com o vapor quente aquecido pela cobra. Assustadas, elas se afastaram, quando uma grande luz começou a se revelar debaixo da água. Para a surpresa das crianças, era o Boitatá! Foi então que perceberam que ele estava entediado e queria um novo desafio. As crianças ficaram com medo no início, mas perceberam que o fogo do Boitatá só machuca as pessoas que querem fazer mal à natureza, então decidiram ajudá-lo.

Juntos, eles criaram uma competição para o Boitatá: ele teria que atravessar o rio Uruguai, do lado brasileiro onde fica a cidade de São Borja até o lado argentino, onde fica o município de Santo Tomé, com as crianças montadas em suas costas, mas sem que eles as derrubassem. O Boitatá ficou muito animado com o desafio e convidou os animais que viviam nas matas e no Rio Uruguai para assistir à competição.

A partir daquele dia, o Boitatá nunca mais foi visto com medo pelos moradores, em especial pelos pescadores ribeirinhos, muito menos pelas as crianças e animais. Ele adormeceu nas águas do Rio Uruguai, de onde controla a profundidade do leito e a fertilidade das margens, além de proteger a fauna e a flora brasileira e argentina.

As crianças tornaram-se famosas na cidade e, quando adultos, discursavam sobre a importância da amizade e do respeito pelos demais seres. Os animais silvestres, por sua vez, participaram desse evento, se tornaram amigos das crianças e passaram a ser admirados e protegidos por todos que moravam nas margens do rio.

Desde então, o Boitatá permanece lá, adormecido nas águas e de onde protege a todos, por isso é sempre lembrado como um grande herói na região. E assim, no porto às

margens do Rio Uruguai, São Borja e Santo Tomé tornaram-se conhecidas como as cidades do Boitatá adormecido.

APRESENTAMOS O CONTO

A Lenda da Cruz Missioneira

Por Mario Luiz Amorim da Silva

Mario Luiz Amorim da Silva nasceu em Suzano (SP). Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Literatura Africana, Indígena e Latina, História e Cultura Indígena e Afro-brasileira. Professor de Literatura e das Línguas Portuguesa e Espanhola – Ensino Fundamental e Médio no Instituto Estadual Padre Francisco Garcia (São Borja/RS) e Diretor do Intercape – Instituto Internacional de Línguas Estrangeiras e Capacitação Profissional (Osvaldo Cruz/SP). É aluno do Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas da Unipampa – Câmpus São Borja (RS).

Havia uma lenda que aconteceu em São Borja, cidade fronteiriça do Rio Grande do Sul, que é banhada pelo rio Uruguai, onde dizem que os jesuítas missioneiros carregavam consigo algo muito especial, que possuía um segredo que só poderia ser revelado a alguém muito corajoso, generoso e digno.

Muitos tentavam descobrir o segredo da cruz missioneira, mas não conseguiam nem mesmo tocá-la, pois era protegida por uma energia mágica que fazia com que apenas os mais puros de coração tivessem acesso a ela. Muitos tentaram, mas ninguém conseguiu concluir o objetivo de tocar a cruz de Lorena e pegá-la para si.

Certa vez, um jovem chamado Luizinho, que possuía um coração bondoso e sempre ajudava os mais necessitados, ao ouvir seu pai contar sobre a história da cruz missioneira, decidiu que tentaria descobrir o segredo da cruz. Ele começou a investigar e a explorar as trilhas que os jesuítas costumavam seguir, sempre muito atento a qualquer sinal. Após semanas de busca, ele encontrou em um ladrilho da praça central da cidade, um desenho de uma cruz missioneira e que continha uma frase escrita em latim: “Crux missionaria est in cruce Lotharingia! ”.

Buscou no dicionário a tradução e conseguiu traduzir, obtendo a seguinte mensagem: A cruz missioneira está na Cruz de Lorena! Luizinho ficou dias pensando e não entendeu nada. Ficou muito confuso com aquela mensagem e só ficava mais ansioso e cheio de dúvida com o paradeiro da cruz e o significado daquela mensagem.

Até que no domingo de manhã, depois da missa, Luizinho sai da igreja matriz e fica de frente com a cruz missioneira feita de cimento e pintada de branco. Ele lembrou da frase naquele momento, ficando de pé parado e sua reação foi tocar a cruz com muito respeito e reverência. Para sua surpresa, a cruz começou a brilhar intensamente, e um sussurro suave ecoou em seus ouvidos, revelando o segredo da cruz missioneira.

Luizinho descobriu. O segredo era sobre a importância da humildade, do amor incondicional pelo próximo e da dedicação em estudar para aprender sobre diferentes conhecimentos. Luizinho compreendeu que, apesar das dificuldades e desafios da vida, sempre deveria manter seu coração puro e continuar ajudando as pessoas ao seu redor.

A partir desse momento, Luizinho se tornou ainda mais dedicado às causas sociais em São Borja, inspirando muitas outras pessoas a fazerem o mesmo – buscar a luz da

cruz de Lorena para fazer o bem às pessoas. Luizinho sabe onde a cruz missioneira está guardada, sendo assim, ele resolveu deixá-la nesse lugar, para ser lembrada como um símbolo da importância da educação em nossas vidas através das diferentes aprendizagens, da bondade para com o próximo e a esperança de um mundo melhor.

APRESENTAMOS O CONTO

O Segredo da Estátua de San Martin

Por Mario Luiz Amorim da Silva

Mario Luiz Amorim da Silva nasceu em Suzano (SP). Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Literatura Africana, Indígena e Latina, História e Cultura Indígena e Afro-brasileira. Professor de Literatura e das Línguas Portuguesa e Espanhola – Ensino Fundamental e Médio no Instituto Estadual Padre Francisco Garcia (São Borja/RS) e Diretor do Intercape – Instituto Internacional de Línguas Estrangeiras e Capacitação Profissional (Osvaldo Cruz/SP). É aluno do Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas da Unipampa – Câmpus São Borja (RS).

Era uma vez, em uma pequena cidade chamada Santo Tomé, na Argentina, vivia um garoto chamado Miguel. Ele era um jovem curioso e sempre em busca de aventuras. Um dia, enquanto explorava a cidade, deparou-se com uma magnífica estátua de San Martin, um herói nacional muito admirado na Argentina.

A estátua estava localizada no centro da praça principal da cidade e tinha sido erguida em homenagem ao grande líder. Miguel ficou encantado com a imponência da estátua e começou a se perguntar se ela escondia algum segredo. Intrigado, decidiu investigar.

Miguel percebeu que a estátua parecia ter marcas estranhas em sua base. Ele estudou as marcas cuidadosamente e, depois de muita pesquisa, descobriu que se tratava de uma antiga linguagem inca. Isso só aumentou sua curiosidade e determinação em descobrir o que estava escondido ali.

Determinado a desvendar o mistério, Miguel se aprofundou em livros antigos e conversou com especialistas em arqueologia. Ele descobriu que San Martin tinha lutado contra os espanhóis na Argentina e libertado o país do domínio colonial. Acredita-se que ele tenha deixado para trás um tesouro valioso que poderia ajudar a cidade de Santo Tomé.

Com sua pesquisa e conhecimento crescente, Miguel decidiu escalar a estátua para investigar mais de perto. Ele subiu sorrateiramente, apoiando-se nas partes esculpidas e nas gravuras antigas. Finalmente, ele encontrou uma pequena cavidade escondida dentro da estátua. No interior, havia um antigo pergaminho amarelado. Miguel desenrolou cuidadosamente o pergaminho e começou a ler. Era um mapa que indicava a localização de um tesouro escondido nas montanhas próximas à cidade. Miguel ficou extasiado com a descoberta e começou a planejar sua aventura.

Com a ajuda de suas amigas, Verônica e Natalin, Miguel embarcou em uma jornada emocionante rumo às montanhas. Eles enfrentaram obstáculos perigosos, como desfiladeiros traiçoeiros e cavernas escuras, mas sua determinação e amizade os mantiveram unidos.

Quando eles finalmente encontraram o local indicado no mapa. Lá, descobriram um tesouro escondido há séculos. Era uma coleção de artefatos antigos, joias preciosas e

moedas de ouro. Miguel percebeu que aquele tesouro pertencia à cidade de Santo Tomé. Com o tesouro em mãos, Miguel, Verônica e Natalin retornaram à cidade. Eles compartilharam a descoberta com as autoridades locais, que decidiram utilizar os recursos do tesouro para financiar projetos de educação e infraestrutura na cidade.

A cidade de Santo Tomé começou a se transformar. Escolas foram construídas, bibliotecas foram abertas e os moradores ganharam acesso diversos eventos e lugares culturais que atraíram muitos turistas para conhecer a cidade, resultando no fortalecimento da economia local, criando empregos e oportunidades para todos.

Miguel, Verônica e Natalin foram considerados heróis locais. Sua coragem e determinação trouxeram uma mudança positiva para a cidade. A estátua de San Martin, agora vista com ainda mais admiração, se tornou um símbolo de esperança, união e perseverança.

E assim, a descoberta do segredo guardado na estátua de San Martin transformou a vida de Miguel e de toda a cidade de Santo Tomé. O poder da curiosidade e da amizade havia aberto portas para um futuro promissor.

APRESENTAMOS O POEMA

O Dragão Roxo e o Pássaro Rosa

Por Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie(2018), O menino que não sabia de onde veio (2021) Dois Gatinhos(2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

Um dragão roxo tentou subir um muro alto.
Uma perna e depois a outra. Segurou decididamente.
Se esforçou a cada pedra para encaixar o pé.
Mas depois do terceiro passo, foi só rolar a baixo.
Por alguns instantes olhou para aquele muro desafiante.
Planejou o seu próximo passo, porém suas ideias eram conflitantes.

No topo do muro avistou um pássaro rosa.
Bom dia, senhor dragão! O pequeno gritou.
O dragão ficou chocado e confuso.
Aquele pássaro rosa queria prosa.
Insistente. O senhor precisa de ajuda?
Você é muito pequeno para fazer algo.
Se me disser, pode ser que dê certo.
O dragão se irritou com a petulância da boca miúda.

Mal lhe pergunte, por que não voar em vez de escalar?
Com isso o dragão bateu suas asas e conseguiu voar.
Obrigada senhor pássaro, não tinha pensado nisso!
Afinal o que tanto o senhor queria ver do outro lado?

Queria encontrar um amigo para brincar comigo.
E estás vendo um daí?
Sim, vejo você, meu pequeno amigo!

APRESENTAMOS O CONTO

Nico e o Celular
Parte 1

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história “Como a Neve de Maio”. Colabora com as revistas digitais “Conexão Literatura” e “LiteraLivre”. Participou de mais de duzentas e quarenta antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", “Era uma Vez um Outono”, “Vozes e Ecos” etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Nicola.

Tímido.

Mirrado.

Oito anos.

Poucas coisas o empolgavam na vida e uma delas foi...

— Um celular!

Mas não era dele, pois não tinha um, e sim de um dos amiguinhos do condomínio onde morava.

Seus pais foram taxativos:

— Só ganhará quando completar dez anos.

Dez anos?... Dez anos!... DEZ ANOS?!

Seria uma verdadeira eternidade até chegar lá. Como eles podiam ser tão cruéis? Por que não aos oito anos e meio — que já seria muito — ou aos nove anos? Até alcançar os dez anos, o mundo poderia ter acabado!

— Mas o Celso, a Licinha, o Roquinho e a Suzinete têm oito anos e já ganharam celular! — protestou.

A mãe, em sua enorme sabedoria, contra-argumentou:

— Você não é o Celso, a Licinha, o Roquinho ou a Suzinete. E, se continuar reclamando, só terá um celular aos doze anos!

Nicola engoliu em seco. Como discutir diante de tamanha ameaça?

A contragosto, conformou-se e observou com olhos invejosos os filhos dos vizinhos mexerem em seus respectivos aparelhinhos mágicos. Mágicos? Mágicos sim. Davam a impressão de se poder fazer tudo com eles: jogar *videogame*, assistir desenhos, telefonar para casa, ver as horas, enviar mensagens, escutar música, fazer contas difíceis, usar como lanterna, tirar fotografia, gravar a voz, filmar etc. Isso não era mágica? Como não desejar de corpo e alma uma coisa dessa? Parecia uma lâmpada das mil e uma noites com um gênio embutido a realizar todos os desejos.

O menino ansiava por ficar mais velho. Estava farto de ver os garotos exibirem seus celulares — os quais tinham um segundo nome, mais pomposo, comprido e complicado: *smartphone* —, cada qual se vangloriando daquilo que os aparelhinhos conseguiam fazer ou por serem um modelo mais moderno e caro. Nicola ficava não somente invejoso, mas aflito e triste ao mesmo tempo. E ainda tinha que aguentar a gozação dos outros.

Um dia no meio do ano, durante as férias escolares, enquanto se sentia isolado, escutou uma voz familiar:

— Nico!

Era seu avô materno em visita.

Fitou os amigos de soslaio e viu-os reprimirem as risadinhas.

Nicola odiava o diminutivo, pois, ao ouvi-lo, um infeliz — não se lembrava se fora o Celso ou a Suzinete — cismara de chamá-lo de Penico. Diante das gargalhadas até chorara de raiva, o que só piorara a situação. Mas ao menos pararam de azucriná-lo. Adorava o avô, contudo, pela trilionésima vez se perguntou: por que a mãe quis homenagear o idoso dando ao filho o nome daquele, acrescentando o "Neto" no final? Correu para abraçá-lo, enquanto os amigos se juntaram numa roda mais apertada a fim de examinarem os aplicativos um do outro.

O Vovô Nicola ignorava tais adversidades. Para ele, o netinho era Nico desde o tempo em que ainda estava na barriga da filha. Ademais, no seu tempo de moleque, ele também fora chamado de Nico pelos pais, avós, tios, primos, irmãos e amigos. Todavia, nenhum deles mencionara Penico.

Vovô Nicola era um homem perspicaz. Tinha a experiência da vida. Sentiu o tremor do neto, enquanto o abraçava. Observou as outras crianças, celulares nas mãos. Não foi difícil adivinhar a angústia de Nico, mas quis ouvir da boca do menino.

— Tudo bem, Nico?

— Tudo, vô — falou, murcho.

— Tudo mesmo?

O pequeno Nicola encarou o avô. O velho era grande e fofo feito um urso. Sempre fora uma presença confortadora no tempo em que o menino residia na casa dele e da avó, até o dia em que os pais resolveram ter a casa própria. Como o pai e a mãe trabalhavam fora, os avós cuidaram de Nico nos primeiros anos. Mimaram-no com carinhos e guloseimas, fizeram-no rir, acalentaram-no nas enfermidades e sopraram seus machucados. Era tão bom rever Vovô Nico! Então, Nicola contou tudo o que perturbava seu coração de oito anos. Sentiu-se meio bobo ao dizê-lo, pois, aos olhos do avô, um celular nada deveria significar. Ele era do tempo do telefone fixo o qual só fazia chamadas e nada mais. No final, porém, foi bom ter colocado tudo para fora e, ao contrário de um olhar debochado como resposta — que os pais às vezes faziam — só recebeu ternura e compaixão como antigamente.

O idoso abraçou o neto mais apertado e sussurrou no ouvido dele:

— Se seus pais disseram aos dez anos, devem ter seus motivos por mais que discordemos.

— Tá bom — respondeu de modo não convincente.

— Como falavam no meu tempo: "o que não tem remédio, remediado está".

— O que quer dizer?

— Que não adianta chorar sobre o leite derramado. Ao menos enquanto eu estiver aqui, poderemos inventar alguma coisa pra ocupar o tempo, né? Talvez não seja tão complicado quanto um celular, mas pode distrair. Quer tentar?

Não querendo desagradar ao homenzarrão, Nicola falou:

— Tudo bem, vovô.

— Ótimo! Trouxe umas bugigangas pra ajudar.

— Bugi...

— Cacarecos!

— Caca...

— Ah, vem ver, Nico!

Foi, então, que um tipo diferente de mágica ocorreu.

Vovô Nicola abriu uma mala grande e marrom. Pôs-se a revirá-la.

— Onde estão? — murmurou. — Onde estão? Ah, aqui está um!... E outro!... Mais um!

Eram soldadinhos de plástico da II Guerra Mundial, índios e pistoleiros do Velho Oeste.

— Antigamente, eles vinham junto com os doces de venda.

— Venda?

— Hoje quase não existe mais. Era um lugar pequeno onde se comprava de tudo um pouco: doces, mantimentos, barbante, fósforos, arroz e feijão, café, guaraná, queijo, salame... Nas paredes, víamos bonequinhos, retratos, flâmulas, rótulos, santinhos, elefantinho da *Shell* ou boneco do arroz *Brejeiro* como enfeites. A gente conhecia o dono pelo nome, mas chamávamos de "tio". Tinha baleiro, uma vitrine cheia de doces de abóbora, de batata, maria-mole, bala de goma, suspiro, paçoca, chiclete, geleia, teta de nega... Ei, do que tá rindo? Ah, entendi... Os brinquedinhos vinham de brinde em alguns deles. Era uma delícia colecioná-los. Às vezes, comprávamos mais pelos soldadinhos do

que pelos doces, outras vezes, era o contrário. Foi antes dos supermercados aparecerem e acabarem com tudo. Venha, vamos brincar de guerra.

Por sorte, havia um monte de areia no quintal — sobra de uma reforma —, e lá se constituiu o campo de batalha, sem constrangimento sobre o que seria politicamente correto ou hipocrisias dos atuais tempos de "mimimi". Cavaram trincheiras, fizeram pequenos morros, muralhas, fortes e castelos, indiferentes à confusão histórica ao ver índios apaches enfrentando nazistas. E Vovô Nicola narrou tudo o que acontecia como se fosse o enredo de um filme ou desenho animado. Soldados atiravam, índios caíam, rolando a ribanceira. Depois, índios se reuniam para um ataque organizado e era a vez dos soldados serem atingidos ou fugirem. No final, o campo de batalha mostrou as cicatrizes do conflito. Acabou empatado. Índios e soldados se levantaram, tiraram a areia dos trajes e descansaram numa caixa de papelão.

CONTINUA...

APRESENTAMOS O CONTO

Nico e o Celular
Parte 2

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Colabora com as revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre". Participou de mais de duzentas e quarenta antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

— Ufa! Você viu só, Nico? Que luta!

— Verdade, vô — respondeu o menino, rindo.

Ele pôde ver a guerra se desenrolando dentro de sua cabeça. Índios corajosos cavalgaram e emitiram seus brados nas pradarias; os soldados reagrupados gritaram nos campos da Europa: "Atacar!" Correram, rastejaram, tombaram, engalfinharam-se na imaginação da criança. O melhor de tudo foi que não houve sangue algum, sequer sofrimento e ninguém morreu de verdade — como nos desenhos animados e conforme o mundo deveria ser.

Em seguida, o velho urso ensinou ao neto a fazer aviões de papel. De meras folhas de sulfite, após algumas dobraduras, a criança viu surgir diferentes modelos de aeronaves. O melhor de tudo era o fato de voarem de verdade — ou melhor, planavam —, deslizarem no ar ou descreverem curvas graciosas até aterrissar. Foi emocionante fazer e depois observar seus próprios aviões efetuarem semelhantes acrobacias. Pensou em aviões de passageiro cruzando as nuvens e perguntou-se como seria estar lá no alto. Gritou de alegria:

— Vivaaa!

Comentou ao avô:

— Puxa, papai nunca me mostrou isso!

— Ele deve ter aprendido — disse Vovô Nicola. — Acho que se esqueceu. A vida de gente grande fez dele uma abóbora...

O menino riu, pensando no pai com uma abóbora no lugar da cabeça.

— Prometa pra mim que não será uma abóbora, Nico — pediu Vovô Nicola.

— Prometo, vovô.

— Bom menino.

Mostrou, depois, como fazer "carrinhos" a partir de carretéis de linha vazios, tocos de vela, elásticos e palitos de fósforo ou de dente[1].

— Meus pais até tinham condições de comprar brinquedos — falou Vovô Nicola —, mas eu achava mais divertido criar as coisas e depois vê-las funcionar.

— Quem ensinou?

— Ah, Nico, não me lembro. Acho que foram os amiguinhos do bairro.

[1] https://www.youtube.com/watch?v=V4WOqgjU0c4

Tirou o pavio do toquinho de vela e, no orifício, passou o elástico o qual ficou seguro do outro lado pela extremidade de um palito de dente. Do outro lado, passou o elástico através do furo do carretel e, para segurá-lo, enfiou um pedacinho de palito de fósforo. Girou o palito de dente para "dar corda" e, assim, o elástico no interior do carretel acumulou energia. Por fim, colocou o "carrinho" no chão e o soltou. A medida em que o elástico se desenrolava, fez o carretel rodar, ou seja, o "carrinho" andou.

— E o toco de vela?

— É para dar atrito, assim, o elástico não desenrola tudo de uma vez. Legal, né?

O menino ficou confuso: o que queria dizer "atrito"? Mas antes que pudesse perguntar, Vovô Nicola falou:

— Agora, é sua vez. Faça o seu! Vai gostar.

De fato, o neto teve um arrebatamento de orgulho ao ver o "carrinho" construído por suas próprias mãos andar lenta e firmemente pelo chão cimentado, subir "montanhas" de terra e, mais ainda, vencer uma corrida com o "carrinho" do avô.

— Sorte de principiante! — queixou-se o homem corpulento, fingindo-se contrariado.

Nicola conheceu a coleção de figurinhas do idoso — coisa que nunca tinha visto —, os gibis que encantaram a infância dele, incluindo um exemplar do *Almanaque Tio Patinhas* contando a origem do dinheiro[2]. Aproveitou e mostrou os manuais Disney (dos Escoteiros Mirins, do Tio Patinhas, do Pardal e da Maga & Min). Encostou os ouvidos na capa de cada um deles.

— Escute! Tá ouvindo, Nico? Eles contam muitas histórias e ensinam um montão de coisas. São verdadeiros tesouros! Ademais, são bastante divertidos!

A criança aprendeu sobre jogar bolinhas de gude, pião, esconde-esconde, pega-pega, fazer bonecos de argila, conhecer diferentes insetos do jardim, acender uma lampadinha com fios e pilhas, a montar um "telefone" usando latas e barbante, a fazer uma besta com pregador de roupa, grampo de cabelo e linha, a brincar com imã — e conhecer o mistério do magnetismo —, a xeretar as folhagens através de uma lupa etc. Uma das coisas mais divertidas foi quando Vô Nicola apanhou uma folha de jornal, dobrou e fez uma capucheta.

— "Capucheta"? — O menino riu.

— Nome gozado, né, Nico? Não sei de onde veio. Mas, o bacana é o que ela é capaz de fazer.

---

[2] *Almanaque Tio Patinhas* nº 30, Janeiro de 1968, Editora Abril.

Foram para um espaço aberto do condomínio, distante de fios elétricos. Lá empinaram a capucheta. Para o olhar maravilhado de Nicola, foi como se o brinquedo tocasse o céu. Olhos arregalado, mãos e pés agitados, reparou como o avô fazia com a linha e, principalmente, o quanto o rosto dele se iluminou, transformado em menino outra vez pela capucheta, pela linha e pelas alturas. Após matar a saudade, o idoso virou-se para o neto.

— Tome, agora é sua vez de empinar.

Nervoso a princípio, Nicola segurou a linha, sentiu-a tensa em sua mão. No alto, a capucheta ia de um lado para o outro à mercê do vento.

Vovô Nicola ajoelhou-se a fim de ficar da altura do neto. Falou de mansinho:

— Puxe a linha devagar, depois solte. Puxe e solte.

A capucheta se movimentou no mesmo compasso, rabiola agitada.

— Isso... Sinta a brisa através da linha. É como estar em contato com ela, as nuvens e o céu. Parece o telefoninho de lata. Dê um alô para as nuvens! Elas respondem pelos puxões em seus dedos. Também é como se a gente estivesse lá em cima, voando feito os pássaros e os aviões de papel. Sinta!

E o vento passou por entre os cabelos de Nicola, trazendo o frescor das nuvens.

E as nuvens conversaram com ele através da linha esticada.

O menino se sentiu voar, bem longe dali.

— Diga, não é gostoso, Nico?

— É bom demais!

O Celso, a Licinha, o Roquinho e a Suzinete, curiosos, foram perto dos dois para ver o que faziam. Bem que tentaram chamar a atenção de Nicola, fazer vontade com seus celulares. O garoto mal percebeu os amiguinhos, entretido que estava, olhar voltado para cima. Sem perceber, foi a vez dele deixar os vizinhos com vontade.

— Vivaaa!

Nicola aprendeu tantas e tantas coisas. Chegou a ficar zonzo de tanto ouvir as informações e as reminiscências do avô. As horas se passaram sem ele notar. E o principal: naquele tempo todo sequer pensou no celular.

— Quem ensinou tudo isso, vovô?

— Os amiguinhos, meu pai, meu avô, um primo... Não sei ao certo. No tempo em que fui criança, o mundo era diferente, os valores e os relacionamentos entre as pessoas. Não digo que foi melhor ou pior, embora eu tenha a minha opinião formada, mas as

crianças possuíam outros interesses, brincavam nas ruas e divertiam-se de outras maneiras. Até um punhado de tampinhas de garrafa era motivo de diversão.

A visita durou uma semana. Terminou rápida demais para pesar do menino.

Para amenizar a despedida, o velho urso disse:

— É tudo seu, Nico: os gibis, as bolinhas de gude, os brinquedos que montamos, os soldadinhos, os manuais Disney, os aviões de papel e demais cacarecos. Não se esqueça de tudo o que conversamos e brincamos.

— Não esquecerei, vô.

— E não vire uma abóbora!

— Não virarei!

Nos dias que se seguiram, o Celso, a Licinha, o Roquinho e a Suzinete vieram chamá-lo.

— Ei, Penico!

Menos para brincar e mais para despertar a inveja de seus aparelhos. Todavia, Nicola recusou, ora entretido com os soldadinhos, ora com a leitura de um gibi, ora jogando bolinha de gude, ora examinando formigas com a lente, ora empinando a capucheta. Fazia-o num deleite tão grande que, mais uma vez, foram os garotos a sentirem o gostinho da inveja ao ver tamanha felicidade no semblante do menino.

Vovô Nicola faleceu algumas semanas depois.

Não houve surpresa por parte dos pais de Nicola.

Só anos depois, já crescido, Nicola se daria conta de que o avô viera se despedir. Deixara para ele aquilo que julgara ser o mais precioso: os valores e as recordações de sua própria infância.

Ao completar dez anos, os pais cumpriram o prometido e, de aniversário, deram de presente um celular. Fizeram todo o suspense e a pompa durante a entrega. Contudo, era tarde demais. Diante dos convidados e dos pais ansiosos, o garoto abriu o pacote. Recebeu o aparelho de forma quase indiferente, agradeceu e colocou-o de lado. A essa altura, o foco de interesse de Nicola havia mudado para sempre. O menino mirrado e tímido queria correr pelo condomínio, admirar os insetos, ler livros, colecionar moedas e inventar brinquedos. Principalmente, empolgava-o sentir o gostinho do vento, das nuvens e dos pássaros. Através da linha esticada, conversava com o espírito do avô numa ligação direta até o céu.

— Obrigado, Vô Nicola!

A linha vibrava e vibrava, tensa em suas mãos.

A capucheta voava de um lado a outro.

E o avô respondia através delas.

APRESENTAMOS O POEMA

Rememoriando

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e nove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Quando eu começo a relembrar
do passado, da copiosa infância,
parece que automaticamente
lembranças ruins, bloqueio.

E vem tanto suspiro junto!
As travessuras - que más aos
olhos da mamãe... eram delícias
de descobrimento e aventuras.

Os joelhos com as feridas das
quedas - surgidas não pelas faltas
mas, pelos excessos... muita energia,
muita vontade... muita engenhosidade.

Jogava-se maré... sozinha até.
Jogava à bola, de todos os tamanhos,
de várias maneiras... e entre todas,
a mais popular era a saudosa "pegada".

"Finca", "bolinhas de gude", "baliza",
pular buracos e obstáculos à vara...
Brincar de "pegar", de "esconder"...
"apostar corridas"... curtas ou longas.

Desafios de "adivinhar", de cantar,
contar estórias da "Mula sem cabeça",
"Saci Pererê"... e acreditar. Vigiar
"estrelas cadentes"... e desejar e segredar.

Mas brincar com bonecas, só para
"meninas bem comportadinhas"...

não para as sujinhas, despenteadas
e de pé no chão... traquinas molecas.

Mundo bom... de amigos justos,
dedicados... e confiáveis.
Sem interferência de adultos
a estrutura infantil só consolidava.

APRESENTAMOS O POEMA

Alegria

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e nove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Quero cantar a alegria.
Coisas menos boas ignorar.
Só quero a alegria a colorir a vida.
Após uma longa ausência,
a um amigo, abraçar.
A um querido, beijar,
não por obrigação,
mas por puro prazer!

Quero viver a alegria,
mesmo que da memória resgatada...
De brincar como criança,
num folguedo, na pracinha.
Ir à *matinée*,
nas tardes de domingo.
Ah, aqueles anos de inocência feliz!
Sem se preocupar com o porvir.

Ah, a alegria de dançar
nas folias juninas!
Com colegas da escola
ou amigos da ruela.
E, às gargalhadas,
troçar dos passos errados da quadrilha.
A ida ao circo, que delícia!
E divertir com a palhaçada.

Que alegria ganhar o primeiro livro,
boneca ou carrinho!
O tão esperado presente
à chegada do Natal
ou do aniversário.

E a bola que, na rua,
brinquedo de todos, se tornava!

E o prazer de sentir o cheiro do mar
pela primeira vez!
E tantos outros deleites!...
Que pena que têm curta duração!
Na boca e peito,
chega a hora do vazio.
E começa-se a sonhar
com a próxima ocasião.

APRESENTAMOS O POEMA

Vamos Celebrar!

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e nove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Ah, querida prima!
Incondicional parceria
nos folguedos da infância.
Na total entrega às peraltices,
por todo lado... e na pracinha.

As brincadeiras, que delícia!
Que deleite
relembrar do tempo
quando a criançada misturava
inocência com vadiagem,
falta de senso e felicidade!

Guardados na memória,
aos pedacinhos,
preciosos momentos.
Trazendo recordações
de um aprazível
e nostálgico passado.

Resta-nos rir das traquinagens.
E a amizade, que
aos anos e lonjura, sobreviveu,
cultivar.
Que sólida continue!
E vamos celebrar!

APRESENTAMOS O POEMA

A Memória e a Casa

Por Thiago Ianez Carbonel

Advogado, Professor Doutor em Língua Portuguesa, com pesquisa voltada ao campo da semiótica, leciona há mais de 20 anos buscando através da nossa historicidade preservar através do compartilhar nosso bem mais precioso, cultura.

Quando eu estava na sétima série, a professora de português pediu que lêssemos "A casa das sete meninas", de Georges Simenon, escritor belga, mais conhecido pela série de romances que narram as desventuras da personagem Maigret. O que me prendeu nesta leitura despretensiosa foi a figura de um pai que a muito custo tenta manter sua casa, seu espaço. Deliciava-me, em particular, seu apreço pelo cantinho doméstico onde se amontoavam os livros e os trabalhos de seus alunos.

Anos mais tarde, já na faculdade, estudei teoria da poesia com a Professora muto querida , que declama decor versos de Bandeira, Drummond e João Cabral. Deste último, ela se emocionava ao declamar "A mulher e a casa", o que, novamente, remetia-me ao apreço pelo espaço, pela poética do espaço sobre a qual tão bem dissertou Bachelard. Nascia em mim uma relação estreita com o espaço que me cerca, museu de mim mesmo, de minha história e da história de tudo que me interessa.

Curiosamente, sou urbano e errante, gosto de viajar, estar em trânsito, respirar ares diferentes, sentir o cheiro da chuva em meridianos variados. Mas a esse impulso andante, agrego o amor pelo meu espaço, repositório dos pequenos fragmentos que me definem e/ou ajudaram a me definir. Gosto de estar em minha casa e sentir a presença, o cheiro e as texturas das lembranças que organizo e venero.

O jogo de chá que foi presente de casamento da bisavó, o moinho e o baú feitos pelo bisavô, o lavatório do enxoval da bisavó, o retrato pintado do bisavô, fotos de gerações antigas, moedas do século XVI, livros lidos ao longo de trinta anos de intensa paixão por eles, souveniers de viagens de uma vida inteira, pequenos objetos que foram caros a minha avó, lembranças do tempo passado em Minas, um Dom Quixote esculpido em madeira por um artesão paraguaio, documentos preservados dos antepassados. Um extensa listagem dos objetos que dão alma ao meu canto e fazem dele o lugar para o qual quero retornar depois de um dia de trabalho, depois de uma viagem, depois da guerra.

Moro em um apartamento antigo, construído na década de 1950, amplo e com pé direito alto: uma casa com alma e história. Li, ontem, no jornal, anúncios de lofts com um

quinto da área onde vivo e me perguntei: como? Faz sentido viver como um utensílio guardado em uma gaveta residencial?

Talvez eu já não seja do tempo presente. Resisto à fragmentação e o amálgama que me faz uno é essa memória sensitiva de poder sentar numa poltrona puída, segurar um livro que marcou minha vida, correr os dedos por sua lombada sofrida e sentir o cheiro das camadas arqueológicas de poeira e lembrança. Talvez o tempo do agora se uma era de experiências UHT, insípidas e brancas, prontas para serem preenchidas, mas eternamente vagas da história que jamais poderá ser escrita.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**